

A importância das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica visando o Letramento Literário

The Importance of African Portuguese-Language Literatures in Basic Education with aim for Literary Literacy

Jeane Zucoloto Pires¹

Lisiane Oliveira Lima Luiz²

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivos estimular a leitura das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica, mais especificamente, a literatura moçambicana do autor Mia Couto, abordar a importância do letramento literário no espaço escolar e estimular o docente para a inclusão dessa literatura em sala de aula. Para tanto, foi elaborada uma proposta de leitura literária do conto “O cego Estrelinho”, de Mia Couto com base na proposta do livro *Letramento Literário: teoria e Prática* (2016), do teórico Rildo Cosson. A proposta de leitura pode ser apresentada aos alunos do 9º ano do ensino fundamental ao ensino médio. A pesquisa é de cunho bibliográfico com método qualitativo com aporte teórico de Cosson (2016), BNCC (2017), Silva (2015), Aguiar (1988), entre outros autores que contribuíram para essa pesquisa. Durante algum tempo, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa não foram trabalhadas em sala de aula, pois muitos docentes não tiveram acesso à disciplina na sua formação. Sendo assim, este artigo contribui para a visibilidade dessas literaturas na Educação Básica, a fim de levar à sala de aula a diversidade dessas literaturas.

Palavras-chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Letramento Literário; Educação Básica; Mia Couto.

Abstract: The present research aims to stimulate the reading of Portuguese-language African Literatures in Basic Education, more specifically, Mozambican literature by author Mia Couto, address the importance of literary literacy in the school space and encourage teachers to include this literature in the classroom of class. To this end, a proposal for a literary reading of the short story “O cego Estrelinho”, by Mia Couto, was prepared based on the proposal from the book *Literary Literacy: theory and Practice* (2016), by theorist Rildo Cosson. The reading proposal can be presented to students from the 9th year of elementary school to high school. The research is bibliographic in nature with a qualitative method with theoretical support from Cosson (2016), BNCC (2017), Silva (2015), Aguiar (1988), among other authors who contributed to this research. For some time, Portuguese-language African Literatures werenot studied in the classroom, as many teachers did not have access to the subject during their training. Therefore, this article contributes to the visibility of these literatures in Basic Education, in order to bring the diversity of these literatures to the classroom.

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia (2019). E-mail: jzucolotopires828@gmail.com

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Tangará da Serra/MT. E-mail: lisiane.oliveira@unemat.br ORCID: 0000-0002-3859-7127

Keywords: Portuguese-language African Literatures; Literary Literacy; Basic education; Mia Couto.

1 Introdução

O presente artigo apresenta a proposta de trabalho em sala de aula na Educação Básica das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, mais especificamente, a moçambicana, do escritor Mia Couto, por meio da proposta de Letramento Literário do crítico Rildo Cosson. A pesquisa é bibliográfica de cunho explicativo com análise qualitativa. Tem como Objetivo Geral estimular a leitura das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em sala de aula e como objetivos específicos discutir sobre a importância das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica, direcionar o docente na realização da proposta de leitura das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, abordar sobre a importância do letramento literário na Educação Básica e propor uma “sequência básica” de leitura utilizando o método de letramento literário de Rildo Cosson.

O artigo visa à aplicabilidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica por meio de uma proposta de atividade utilizando o conto “O cego Entrelinho”, de Mia Couto, presente no livro *Estórias Abensonhadas* (2012). A proposta a ser realizada sobre o conto será inspirada no livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2016), de Rildo Cosson, baseando-se no tópico, “A sequência Básica”, que é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Nessa sequência, Cosson traz sugestões de como apresentar um texto literário ao aluno da Educação Básica, dando ênfase a cada etapa da leitura do texto.

2 A relevância das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa foram por muito tempo silenciadas nas salas de aula, mas por meio da Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira na Educação Básica, as literaturas africanas e afro-brasileiras foram inseridas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Marisa Lajolo no Prefácio da obra *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças para crianças e jovens* (2017) aponta que:

Com a criação da Lei n. 10.639/2003, a história da África e da cultura afro-brasileira foi incluída no currículo da Educação Básica, o que multiplicou a publicação de livros voltados para questões étnico-raciais. Acredita-se que a leitura e discussão de livros que tragam histórias, poemas, crônicas, peças de teatro favoreçam- e favorece mesmo-

o desenvolvimento, no Brasil, de uma sociedade que, desmontando preconceitos e desconstruindo intolerâncias, assuma sua identidade multi-étnica, orgulhando-se dela. (PREFÁCIO, 2017, p.13).

Nesse sentido, essa lei constitui um avanço no currículo escolar e como parte do reconhecimento institucional de sua importância em nosso país, uma vez que, antes dela a única referência de literatura africana e/ou afro-brasileira nas escolas era trabalhada em atitudes isoladas dos professores que demonstravam interesse na temática ou no dia da consciência negra comemorado em 20 de novembro. Nessa data, geralmente, era o momento em que os docentes e alunos buscavam algo relacionado ao tema, e mesmo assim, de forma superficial, pois só destacava-se a culinária e a música, não valorizando outras manifestações culturais, como a Literatura, por exemplo. Já com a obrigatoriedade da lei e com as orientações da BNCC, os docentes e alunos têm acesso a essa literatura de forma mais sistematizada, com o intuito de despertar a curiosidade por esse patrimônio que é a literatura africana e afro-brasileira. De acordo com a BNCC:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição Literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 523).

Essas literaturas precisam ser vistas com um olhar mais sistematizado, voltado ao cotidiano escolar, pois é nessa fase em que os alunos aprendem mais sobre o mundo que os rodeia. Podemos também citar aqui outro fator importante, o social, para que essas literaturas façam parte do cotidiano do aluno. Sabe-se que no Brasil há uma diversidade de povos de diferentes etnias, que muitas vezes, são desconsiderados nos livros didáticos, como os descendentes de africanos e indígenas. Ao trazer novas representações para o espaço escolar, o aluno afrodescendente, por exemplo, se verá representado, e assim terá contato com a história de seus ancestrais, por meio de contos, poemas, músicas que são as formas sugeridas pela BNCC de se trabalhar essas literaturas em sala de aula. Assim, por meio desses estudos, os alunos poderão conhecer mais sobre a história dos povos africanos e perceber que a África é muito mais do que apenas o continente de onde vieram os escravizados.

Em uma entrevista à BBC, O historiador Alberto Costa e Silva relata que a história da África é tão bonita e importante quanto a da Grécia e merece ter sua história contada. Sobre isso, ele afirma que:

Temos de estudar o continente africano não como um capítulo à parte, um gueto. A história da África está incorporada à história do mundo, porque ela foi parte e é parte da história do mundo. Que a história do negro no Brasil não seja isolada, como se o negro tivesse sido um marginal. O negro foi essencial na formação do Brasil. (SILVA, 2015, p. 03).

Desse modo, estudar as literaturas africanas e afro-brasileiros é uma prática social, pois permite que a África seja vista por outra perspectiva, não apenas a do colonizador, havendo, assim, uma valorizando da contribuição dos africanos escravizados na formação da sociedade brasileira. Por meio da Literatura nos expressamos e contamos nossa história, no entanto, é necessário dar a ela importância real e existencial, principalmente no ambiente escolar. A literatura está em todos os lugares, faz parte de nós, da nossa história, que, aliás, foi construída lado a lado com ela. Além disso, Vera Aguiar afirma que: “O grupo social não é simplesmente todo homogêneo, nele habitam vontades, saberes e posicionamentos diversificados, mas convergentes que geram as possibilidades de relação internas e com outros grupos.” (AGUIAR, 1988, p. 05). E ainda, em grupo: “[...] Acontece a troca de conhecimento que é gerado pela linguagem, pois é nessa troca que o indivíduo se certifica de seu conhecimento de mundo e dos outros homens, assim como de si mesmo, ao mesmo tempo em que participa das transformações em todas essas esferas.” (AGUIAR, 1998, p. 05).

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa compartilham esse conhecimento tão importante para a comunidade e sociedade, mas ainda segue pouco exploradas no ambiente escolar, por isso a relevância de artigos que priorizem o estudo nessa área.

Na obra *Mia Couto: espaços ficcionais* (2008), Fonseca e Cury relatam as dificuldades encontradas para se levantar estudos sobre o tema literaturas africanas, e encontram nas obras de Mia Couto, escritor moçambicano, a fonte para realização da pesquisa em questão. Sobre a produção de Mia Couto as autoras apontam:

Mia Couto em sua proposta literária, explicita para o seu leitor o lugar periférico de sua enunciação, construída em permanente tensão: rituais para preservar e venerar a terra, metonímia da nação, convivendo em conflito, com a diluição da fixidez de lugares e tradições; posição exilada do narrador; processos globalizados de modernização violentando visões de mundo; a casa; lugar de morada, de permanência, mas também “aberta” ao que vem de

fora e ligada ao cosmo. Tudo isso misturado, “mestiçado” a tantos outros elementos em trânsito. (FONSECA E CURY, 2008, p. 83).

Dessa forma, a produção teórica das autoras tem o objetivo de demonstrar, por meio das obras de Mia Couto, características da literatura moçambicana que, segundo elas, encontram-se poucas fontes de pesquisa para a realização de estudos na área. Pode-se notar que os estudos das Literaturas Africanas ainda estão sendo realizados por pessoas que se interessam pelo tema. Isso torna relevante a problematização deste artigo: o porquê da invisibilidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

2.1 O letramento literário como prática social

O processo de leitura literária perpassa pelo complexo ato de escrita desses textos, sendo assim, não lemos um texto literário da mesma forma que um texto não literário. Nesse horizonte é que incide a questão de como a escola deve/pode trabalhar o texto na perspectiva de formação do aluno/leitor.

Na concepção de Rildo Cosson (2016), o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola, por isso não pode ser feita de forma assistemática em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, enfatiza o autor, deve ser organizada e obedecer aos objetivos de formação do aluno, considerando que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.

A forma como o aluno é apresentado ao texto, afirma Cosson, traz uma ideia de práticas conscientes com os textos literários, pois, de acordo com o autor, a consciência sobre a importância da leitura literária deve ser encarada como um processo a ser trabalhado pela escola, de modo que o aluno entenda que a literatura tem a possibilidade de despertar a descoberta de um mundo novo.

Segundo Cosson (2016, p.17), “o texto literário tem um poder transformador na vida do outro, já que, nele, encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A leitura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”. Dessa forma, o texto literário nos incentiva a conhecer mais de nós mesmos e do outro que nos rodeiam.

Nesse mesmo sentido, Tereza Columer sustenta que:

O objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLUMER, 2007, p. 31).

Com isso, podemos ter a noção ampla do poder da leitura literária e, assim, colocar em discussão de que maneira essas leituras estão sendo ensinadas e de que forma têm sido exploradas para que de fato a leitura literária possa ser um instrumento de transformação na vida de quem as lê.

Devemos olhar e observar no aluno suas potencialidades, por isso a escola deve mostrar a ele que existe uma forma diferente e democrática para se fazer a leitura de um texto literário, de maneira que não se sinta obrigado a esse tipo de leitura; ao contrário, a consciência leitora, a descoberta do mundo mágico do texto, a possibilidade de encontro com esse espaço traga uma visão inovadora e aproximativa desse aluno/leitor. Nessa perspectiva, Cosson, afirma que: “[...] a leitura abre portas na vida de quem lê, assim ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro.” (COSSON, 2016, p. 27).

A leitura de textos literários se difere das outras leituras, pois diante de um texto comum, do cotidiano não se percebe as entrelinhas, configura uma leitura mais informativa, já o texto literário torna a leitura mais perceptível aos olhos do leitor com suas esferas mais abrangentes e forma um diálogo significativo para quem lê. Os livros favorecem as descobertas, mas são os literários que fazem isso de forma mais abrangente.

Na mesma visão, Aguiar (2008, p. 07) afirma que “o texto literário se vale da imitação genérica construída pelos símbolos linguísticos, e atinge, sem dúvida, um plano de significação pelo leitor de acordo com sua experiência”. Contudo, para que essa leitura seja feita pelo aluno cumprindo os aspectos literários, o docente tem um papel essencial nesse processo, devendo orientar essa leitura literária que é fundamental para que a subjetividade do leitor seja alcançada diante das leituras de um texto literário.

Para tanto, a leitura do texto literário deve ser direcionada e levada de forma que o aluno sinta desejo de realizá-la. Essa leitura deve ser orientada para que o leitor de um texto

de literatura saiba diferenciar outro texto que não seja da área de literatura, pois as leituras são completamente diferentes. Quando se direciona uma leitura literária, pode-se alcançar objetivos relacionados ao descobrimento daquele texto, levando o leitor a descobrir características da obra, e ao mesmo tempo encontrar-se/identificar-se com o texto lido. Em *Literatura: ensino fundamental*, Cosson, no capítulo intitulado O espaço da literatura na sala de aula afirma:

O prazer de ler, uma proposta muitas vezes mal interpretada, foi bandeira de muitos daqueles que viam no ensino da literatura um cerceamento da leitura literária, esquecendo que todo modo de ler passa necessariamente por uma aprendizagem, não existindo um modo “natural” ou espontâneo de leitura. (COSSON, 2010, p. 57).

Quando pensamos em leitura literária não se pode ficar refém de uma leitura apenas para encontrar/identificar elementos textuais ou trabalhar a escrita ou interpretação. De um modo geral, muitos livros didáticos trazem essa proposta de leitura dos textos literários. Para Cosson:

Aos poucos, entretanto, o ler por ler foi cedendo lugar a uma compreensão mais elaborada da relação entre literatura e ensino. Para tanto contribuiu, em primeiro lugar, a tenacidade de vários pesquisadores e educadores que persistentemente enfatizaram, e continuam a enfatizar, a essencialidade da leitura literária na formação do leitor e o dever da escola de trabalhar adequadamente com o texto literário. (COSSON, 2010, p. 57-58).

Sendo assim, o docente tem um papel fundamental nesse processo de formação do leitor literário. Com isso, ainda podemos discutir o lugar do texto literário na escola, nessa fase em que o aluno é conduzido aos textos de literatura e, a partir desse contato, poder definir o que é um texto literário. Portanto, o texto literário em sala de aula deve ser explorado de forma atraente para o aluno, buscando sempre direcioná-lo a uma leitura completa e exploratória dos elementos do letramento literário, e cabe ao docente direcionar essa leitura na sala de aula.

3 Leitura do conto “O cego Estrelinho”, de Mia Couto baseado na proposta de Letramento Literário, de Rildo Cosson.

Nesta etapa, o professor fará a escolha do livro. É por meio dele que o aluno terá acesso à obra literária, pois “O professor é o intermediário entre o livro e aluno, seu leitor final” (COSSON, 2016, p. 33). Nessa perspectiva, a forma de trabalhar o texto literário em sala de aula de maneira direcionada faz toda a diferença, pois desperta no aluno o desejo da leitura, principalmente, quando se tratar de uma obra que não é tão comum ao conhecimento dele, como exemplo, pode-se citar as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, instrumento de discussões na realização deste artigo.

Na apresentação do livro *Estórias Abensonhadas*, de Mia Couto, A guerra civil marca os contos. Nesse contexto, Mia Couto apresenta o cotidiano da população moçambicana, por meio das personagens, evidenciando os impactos causados pela guerra. Na obra, o autor quase não mostra as personagens adultas, pois essas fizeram ou fazem a guerra. Outros temas constantes nos contos são os mitos primitivos e os fatos prosaicos, como amor, traição, casamento. E nessa mistura, o estilo tão peculiar de Mia Couto, que brinca constantemente com o real e o imaginário:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. [...] Mia Couto. (COMPANHIA DAS LETRAS, 2019).

O livro sugerido para o docente utilizar nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica (9º ano ao Ensino Médio) é o de Mia Couto, escritor moçambicano, com o título *Estórias Abensonhadas*, publicado em 1994. A obra reúne 26 contos, escritos pelo autor após a Guerra Civil em Moçambique. Sobre a biografia de Mia Couto, Fonseca e Cury (2008), destacam:

Mia Couto é mais conhecido como escritor de contos e romances, tendo livros traduzidos em várias línguas, fato que lhe dá um lugar de destaque na literatura moçambicana. Sua recepção em Portugal e, mesmo que em menor

escala, também no Brasil, tem se incrementado. Veja-se que uma das maiores editoras brasileiras, A Companhia da Letras, publicou, num período de três anos, seis romances do escritor. António Emílio Leite nascido em 05 de julho de 1955, na cidade de Beira, em Moçambique, adotou o pseudônimo literário que remete ao seu carinho pelos gatos. (FONSECA E CURY, 2008, p.18).

A capa do livro e o título *Estórias Abensonhadas* são convidativos para a leitura, pois despertam a curiosidade no leitor. Afinal, o que significa “estórias abensonhadas”? Os contos retratam histórias relacionadas à vida dos moçambicanos durante e depois da Guerra Civil³ (1992). Uma marca do autor presente nos contos é o neologismo, pois Mia Couto gosta de criar palavras que produzem um efeito de curiosidade nos leitores, como podemos observar no próprio título da obra, que podemos interpretar como “estórias bem sonhadas” ou “estórias abençoadas”. Os contos presentes no livro são repletos de emoção, situações tristes e principalmente superações.

O conto sugerido para a leitura com os alunos é o intitulado “O cego Estrelinho”. O conto narra a história de um cego que é conduzido pelo seu guia Gigito a um mundo tão extraordinário que o cego, por vezes, acredita enxergar. Os dois permaneceram juntos por anos como se fossem um só, Estrelinho conhece muitas coisas do mundo por meio das mãos de seu guia:

O cego Estrelinho era pessoa de nenhuma vez: sua história poderia ser contada e descontada não fosse seu guia, Gigito Efraim. A mão de Gigito conduziu o desvistado por tempos e idades. Aquela mão era repartidamente comum, extensão de um no outro, siamensal. E assim era quase de nascença. (Memória de Estrelinho tinha cinco dedos e eram os de Gigito postos, em aperto, na sua própria mão. (COUTO, 1994, p. 12).

Até que um dia, Gigito é convocado para a guerra. A partir desse evento, Estrelinho sente-se cego pela primeira vez. Quem passa a conduzi-lo é a irmã de Gigito, uma moça chamada Infelizmina. Como o neologismo do nome sugere, uma infeliz menina que, ao contrário do irmão, descreve com realidade e amargura uma Moçambique devastada pela

³ Guerra Civil Moçambicana- Em 1977, dois anos após a independência, Moçambique mergulhou numa guerra civil em razão da oposição ao governo dominante, a FRELIMO (Frente de Libertação Moçambicana) de orientação socialista. Com o objetivo de combater a FRELIMO foi criado a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), organização armada anticomunista. A guerra civil somente terminou no ano de 1992, após uma longa negociação de vinte e sete meses.

guerra. Com isso, Estrelinho vai perdendo a alegria de viver. Mas, aos poucos, ele se entrega a um novo tipo de visão, o amor que surge por Infelizmina, que faz renascer a esperança. Na orelha do livro *Estórias Abensonhadas* (2012) há uma análise sobre o conto em destaque que revela muito sobre o projeto literário de Mia Couto:

O pequeno conto, que integra estas *Estórias abensonhadas*, diz muito sobre a obra de Mia Couto, uma das vozes mais originais da língua portuguesa. Aqui, fantasia e realidade se entrelaçam e se impõem uma à outra, como num reflexo do próprio continente africano. A escrita do autor transforma o falar das ruas em poesia e carrega de magia a dura realidade de seu país. As palavras se combinam em inúmeros significados, e no menor dos enredos cabe tanto o lirismo quanto a guerra. (COMPANHIA DAS LETRAS, 2012).

Em seu projeto literário, Mia Couto transfigura, por meio da ficção, a dura realidade de um país devastado pela guerra e sem perspectiva de dias melhores. O autor traz para a narrativa o cotidiano dos moçambicanos tentando reerguer-se das experiências frustrantes da guerra civil e emociona o leitor ao colocá-lo, ainda que de forma ficcional, em uma realidade vivenciada e, que ainda marca, a vida de muitos moçambicanos.

Também sobre a temática abordada por Mia Couto em “O cego Estrelinho”, o teórico Cláudio de Sá Capuano, aponta:

Tratar de guerra, em países em que ela foi presente por quase meio século, antes e depois dos processos de independência, tem sido tema recorrente em suas literaturas. Em Moçambique, o escritor Mia Couto se utilizou do tema mais de uma vez, para abordar não apenas as mazelas de guerras em curso, mas também de suas consequências pós conflitos. [...] No texto, Mia Couto aborda a guerra de forma indireta, por meio da interessante relação de amor entre o cego, seu amigo-guia e, posteriormente, a irmã deste. Entre amizade e sensualidade, lemos ali a dura realidade da guerra, em paralelo com o estabelecimento de relações humanas com ela em diálogo. (CAPUANO, 2010, p. 35).

Além de mostrar a realidade da guerra, o conto apresenta-nos um país e seus habitantes na esperança da reconstrução de uma vida melhor e uma narrativa cheia de situações inusitadas que prendem a atenção do leitor. Durante a leitura do conto os personagens vão ganhando espaço em meio às tragédias anunciadas pela guerra. O autor demonstra, por meio das personagens, as emoções vividas naquela época e, nesse processo, o

leitor interage com os espaços e personagens da narrativa; e assim também conseguem relacionar o contexto histórico de guerras de Moçambique e a produção literária que emergiu a partir de situações tão trágicas.

3.2 Sequência Básica do Conto “O cego Estrelinho” seguindo a proposta de Letramento Literário, de Rildo Cosson

Diante do desafio de apresentar um texto literário para os alunos da Educação Básica, Rildo Cosson desenvolveu em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2016) uma Sequência Básica de leitura, em que o docente é orientado a como direcionar essa leitura para o aluno. *A sequência básica* é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A intenção diante da proposta literária é fugir do “normal”, situação em que o professor apenas exige a leitura do livro e depois uma atividade sobre aquela leitura. A real intenção é que seja despertado no aluno o desejo por aquela leitura, e como o livro ou texto vai ser apresentado ao aluno faz toda a diferença. Cosson (2016) desenvolve esse método de leitura após o encontro do 8º Cole - Congresso de Leitura do Brasil no Estado do Acre. O teórico percebeu que a iniciativa de leitura teria que começar por quem realmente é responsável por fazer isso acontecer, no caso, os professores. Após a palestra e os relatos dos professores sobre os problemas de leitura nas escolas, Cosson se propôs a ministrar um curso aos professores e bibliotecários para estimulá-los a fazer a diferença em seu ambiente escolar: “A descoberta da literatura por esses professores-bibliotecários mostrou-me claramente que a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais” (COSSON, 2016, p. 54).

Com isso, damos início ao primeiro passo da sequência básica, a motivação. Cosson orienta o docente nessa, primeira parte, a fazer uma apresentação da obra para os alunos antes da leitura. Isso consiste em falar sobre o título da leitura, saber o que os alunos conhecem sobre o tema, em uma conversa com a turma, ou até mesmo usar situações do dia a dia, se possível, relacionadas ao tema do livro ou texto.

No caso do conto “O cego Estrelinho”, o professor pode começar apresentando o título e questionando os alunos o que eles esperam da leitura diante do título, levá-los a querer saber qual o significado daquele título, despertar a curiosidade sobre o conto, ou até mesmo fazer

uma dinâmica com eles. Nisso consiste a motivação: fazer uma prévia antes da leitura, um quebra-gelo. Esse momento da motivação deve ser feito em apenas uma aula antes da leitura, caso contrário, se passar disso, pode tornar-se cansativo e assim o aluno pode perder o interesse na leitura: “Ao dominar a motivação esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário indicou que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para o texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (COSSON, 2016, p. 54).

Após a motivação bem-sucedida, o professor pode dar início à segunda etapa da sequência básica, nesse caso, a Introdução: essa etapa consiste em apresentar o autor e obra aos alunos. Cosson chama a atenção do professor para que essa introdução seja breve, principalmente quando for ministrar sobre a apresentação da vida do autor: “A biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas ao texto”. (COSSON, 2016, p. 60).

Outro fator importante é na apresentação da obra. O professor deve conduzir a apresentação. Nessa etapa, o docente pode fazer a apresentação do livro *Estórias abensonhadas*, em que se encontra o conto “O cego Estrelinho”. É importante o docente estar com o livro em mãos para apresentá-lo aos alunos. O professor pode usar a capa do livro para estimular a leitura da obra, como por exemplo, o professor pode também questionar os alunos o que aquela imagem passa para eles, sobre o que a imagem ou texto relata. A intenção é explorar “[...] a obra física, fazendo a leitura da capa, da orelha e de outros elementos pré-textuais que introduzem uma obra”. (COSSON, 2016, p. 60).

Nesse momento, o professor vai expor a obra para os alunos, por isso a importância de uma boa abordagem, explorando bem a capa do livro, o título da obra e também o título do conto, com isso garante-se uma boa imersão do aluno antes da leitura.

Concluída essa etapa da introdução, vamos para a terceira, a Leitura. Nesse momento, Cosson aconselha o professor a fazer um bom uso do tempo de leitura em sala de aula ou durante a leitura feita pelos alunos em casa. Uma forma dessa leitura ser bem sucedida é apostar em dinâmicas durante esse processo, o autor aconselha fazer intervalos. O professor deve estabelecer o tempo para concluir a leitura e direcionar essa fase, não deixando a leitura por conta do aluno.

Uma proposta realizada por Cosson (2016, p. 63) é utilizar intervalos de leitura: “Um exemplo é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, funcionando como uma focalização sobre o tema da leitura e permitindo que tenham aproximações breves entre o que já foi lido”. Por exemplo, antes do prazo de entrega da leitura, o professor pode sondar os alunos para verificar como está o andamento da leitura, conversar sobre o que entenderam ou até mesmo usar outro conteúdo ligado ao contexto da história. Isso ajuda a verificar se os alunos estão realizando a leitura, ou ainda a tirar possíveis dúvidas em relação à obra. Cosson (2016, p. 64) aponta que: “É durante as atividades do intervalo que o professor perceberá as dificuldades de leitura dos alunos”. No caso, trazendo para o conto o “O cego Estrelinho”, o professor poderá realizar rodas de conversa para sondar os alunos em relação à leitura ou ainda tirar possíveis dúvidas sobre o texto. A ideia é que durante esse processo o aluno não fique só, pois contextualizar esse momento é importante para que ele encontre na leitura o prazer de realizá-la.

Por fim, chegamos à quarta etapa da sequência básica, a Interpretação. Esse processo de interpretação do texto lido precisa ser exposto pelo aluno, isso pode ser feito de inúmeras formas, isso fica a critério do professor, mas nada impede que os leitores decidam em conjunto com professor qual a melhor maneira disso ser realizado. Cosson (2016, p. 66), aponta: “As atividades da interpretação, como a entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura”. Essa etapa é o momento em que os alunos/leitores irão expor o que entenderam do texto literário. Cosson (2016, p. 65) define esse processo da externalização: “O momento é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”. Deve-se pensar ainda em trabalhar esse texto literário que é tão rico de informação em conjunto com outras disciplinas, tais como, História, Geografia e Artes, explorando muito bem todos os aspectos do texto literário, como também propõe a Lei 10.639/03, no artigo 1º, parágrafo 2º: “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.”.

Sendo assim, para concluir o tópico, segue abaixo um quadro com sugestões (Roteiro de atividades) de como o professor poderá trabalhar as etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, proposto por Rildo Cosson na Sequência Básica, por meio do conto “O cego Estrelinho”, de Mia Couto.

Quadro 1: Roteiro de atividades

ETAPAS	AÇÃO
Motivação	<p>Após apresentar o título do conto “O cego Estrelinho” o professor poderá realizar uma dinâmica utilizando uma venda para tampar os olhos de um aluno, enquanto outro aluno sem a venda descreveria um objeto ao aluno vendado, despertando a curiosidade do aluno que está vendado a descobrir, por meio da fala do outro, que objeto ele está descrevendo, bem como a curiosidade pelo mundo do cego Estrelinho. Essa dinâmica poderá ser feita por um grupo de alunos, enquanto o restante poderá decidir quais objetos vão ser descritos pelo aluno sem a venda, assim a turma toda participará da dinâmica.</p> <p>Observação: essa etapa deve ser feita antes da leitura do conto.</p>
Introdução	<p>A sugestão para essa etapa é que o professor esteja com o livro <i>Estórias Abensonhadas</i> em mãos. Se não for possível, o professor pode apresentar a capa do livro em um <i>data show</i>.</p> <p>Apresentar a capa, orelha do livro e uma biografia do autor. A biografia pode ser apresentada por meio da entrevista: “Mia Couto e o exercício da humanidade”. Disponível em: https://acervo.racismoambiental.net.br/2012/02/17/mia-couto-e-o-exercicio-da-humildade/. Acesso em 03 fev. 2023.</p> <p>Outra dica importante é conversar com os alunos sobre a nacionalidade do escritor. Explicar que se trata de um autor africano de um país que tem como língua oficial o português. Depois, poderá ser apresentado um vídeo sobre Moçambique a fim de que os alunos conheçam um pouco sobre esse país africano. Sugestão de vídeo: “30 curiosidades sobre Moçambique”. Disponível em:</p>

	<p>https://www.youtube.com/watch?v=ptxywN-orN0. Acesso em 01 dez. 2023.</p>
Leitura	<p>A primeira leitura do conto “O cego Estrelinho” pode ser realizada em sala de aula, pois não é muito extenso. Nessa etapa, o professor pode preparar um ambiente favorável como uma roda de leitura ou, se tiver um lugar arborizado na escola, pode realizar essa leitura fora da sala de aula. A intenção é que essa leitura seja feita por todos os alunos, então, uma roda de leitura é uma boa estratégia. Após a realização dessa etapa, pedir aos alunos que leiam individualmente o conto para poder realizar a última parte da atividade, no caso, a interpretação.</p> <p>Conto disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/fabulas/3597658. Acesso em 01 dez. 2023</p>
Interpretação	<p>Nesse momento, o professor pode incentivar os alunos a escreverem suas impressões sobre o conto lido. Pedir que os alunos destaquem a parte do conto que mais chamou a atenção e em seguida explicar em forma de texto o motivo pelo qual aquele trecho está sendo destacado. Depois pode ser feita uma roda de conversa novamente para que essas impressões sejam verbalizadas. Uma sugestão é que as atividades sejam expostas em um varal de leitura em algum lugar da sala de aula ou da escola. A ideia é que essa leitura seja externalizada e compartilhada.</p> <p>Resenha do conto “O cego Estrelinho” produzido pela autora Lisiane Oliveira e Lima Luiz. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xOWq80z8LzI. Acesso em 01 dez. 2023.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

Com as obras literárias ocupando realmente seu espaço como criadoras de sentidos, o aluno perceberá que um texto literário tem mais espaços de construção e compartilhamento de

sentidos do que julgava imaginar, gerando assim, uma interação e melhor recepção dos textos literários. Essa proposta de atividade, desenvolvida a partir do livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2016), de Rildo Cosson, foi elaborada com o objetivo de auxiliar o docente em sala de aula e poderá ser utilizada da maneira que está sugerida no *Quadro 1: Roteiro de atividades*, seguindo a sequência básica de leitura e respeitando cada etapa.

Diante do exposto no artigo, a intenção foi criar uma forma prática em que o docente consiga desenvolver com o aluno uma sequência de atividades voltadas para a leitura da obra sugerida. Uma leitura que proporcione encontro e reconhecimento, que a mediação desperte no aluno as potencialidades do texto literário.

Sabe-se que o ensino de literatura nas escolas passa por um sistema mecânico no qual o texto literário, muitas vezes, é usado para dar apoio à aplicação das normas gramaticas e para embasar as interpretações de texto, principalmente nos livros didáticos.

Portanto, a leitura de um texto de literatura serve para gerar criação de sentidos e construção de conhecimento na vida de quem lê. A real intenção do letramento literário diante do texto de literário é despertar no leitor a descoberta do novo, proporcionando uma experiência literária única e voltada para descoberta de sentidos do texto lido.

Diante do que foi exposto, baseado na teoria e prática de Rildo Cosson, verifica-se que há novas propostas para trabalhar o texto de literatura em sala de aula. Tudo começa pela escolha da obra e a forma de apresentação ao aluno. Sendo assim, a proposta de renovação do ensino de Literatura pelos educadores contribuirá para a construção de novos significados diante de um texto literário pelos alunos/leitores.

Considerações Finais

Diante do desafio que é trabalhar as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Educação Básica, apesar dos vinte anos da efetivação da Lei 10.639/03, o presente artigo contribui para que o docente possa desenvolver uma metodologia para o trabalho em sala de aula dessa literatura pouco explorada, visto que muitos docentes não chegaram a estudá-las na formação acadêmica, mesmo com a obrigatoriedade do ensino previsto em lei.

Ao utilizar a Sequência Básica proposta para a leitura do conto “O cego Estrelinho”, de Mia Couto, os estudantes da Educação Básica poderão ter acesso à cultura e história do povo moçambicano que, possivelmente, de outra forma, não teriam contato. Portanto, não restam dúvidas de que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa precisam ocupar um

lugar na Educação Básica, não só no Dia da Consciência Negra, em que é comum os docentes procurarem algo relacionado para apresentar aos alunos.

Dessa forma, o presente artigo apresentou uma proposta de aplicação de uma Sequência Básica que pode ser adaptada de acordo com as características de cada turma/escola e pode ser desdobrada para a Sequência Expandida, de Rildo Cosson, proposta que pretendemos desenvolver em pesquisas futuras. Lembrando que o alvo nos estudos apresentados é cumprir com o objetivo de expandir as leituras dos textos literários com a temática das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na sala de aula, a fim de que o aluno seja apresentado a essas obras ainda pouco discutidas/analizadas em sala de aula.

Na proposta apresentada no *Quadro 1: Roteiro de Atividades*, o docente tem um apoio didático, com sugestões de aulas, vídeos e sites em que estão disponibilizados o conto sugerido para poder conduzir uma aula dinâmica e inovadora com a turma escolhida; e assim, atingir o objetivo de apresentar o texto literário aos alunos, dentro da proposta de letramento literário, proporcionando a expansão de conhecimentos e potencialidades deles, além de colocar em prática a Lei 10.639/03 na Educação Básica.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME. [Online] 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 dez. de 2023.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª. ed. Ouro sobre azul: 2011. p. 171- 193.

CAPUANO, Cláudio de Sá. **Terra em conflito, harmonias possíveis: o caso d'O cego Estrelinho**. Cadernos CESPUC, Belo Horizonte, nº19, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7828/6865>. Acesso em: 01 dez. 2023.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *In*: Zilberman, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

PAIVA, Aparecida (org.); MACIEL, Francisca (org.); COSSON, Rildo (org.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 20)

PORTIFÍRIO, Francisco. **20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra**. *Uol, Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-consciencia-negra.htm/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ROCCO, Roberto Morozzo Della. **A paz: como Moçambique saiu da guerra**. Roma: Comunità di Sant'Egidio, 2017.

SILVA, Alberto Costa e. Descendentes precisam saber que história da África é tão bonita quanto a da Grécia. [Entrevista concedida à] Fernanda da Escóssia. *BBC Brasil*, Rio de Janeiro, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/descendentes-precisam-saber-que-historia-da-africa-e-tao-bonita-quanto-a-da-grecia.html>. Acesso em: 01 dez. 2023.